



LEVANTAMENTO DE ÁREAS DESMATADAS NA PORÇÃO NOROESTE DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA JURÉIA-ITATINS.

T. N. Azevedo¹, S.F.B. Ferraz, M.I. Paganí

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Rio Claro Instituto de Biociências, Departamento de Ecologia. Av 24 A, n °1515. Bela Vista. Rio Claro SP.1- thaisnacia@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Um dos biomas mais afetados no Brasil e que ainda sofre muito com os impactos da ação antrópica é a Mata Atlântica. Até o século XIX, a grande cobertura florestal deste bioma estendia-se ao longo da costa brasileira, com aproximadamente um milhão de quilômetros quadrados de superfície (São Paulo, 1996). No século XX, principalmente nas últimas cinco décadas, um acelerado processo de devastação teve lugar, graças à intensa atividade agropastoril, industrial e urbana, que a reduziu a menos de 8% de sua extensão original. (Mamede et al, 2004)

Uma das grandes ameaças para a conservação da biodiversidade é a perda e fragmentação do hábitat das espécies, causada principalmente pela mudança na cobertura do solo, afetando as relações entre as populações, que ficam mais susceptíveis a doenças, invasões de espécies exóticas, e até mesmo a incêndios.

Uma das estratégias mais utilizadas até hoje para conservação de espécies em larga escala é a criação de Unidades de Conservação (UC). Essas áreas são legalmente protegidas e têm a finalidade de conservação e preservação da biodiversidade e dos recursos naturais. A criação de Unidades de Conservação certamente foi um passo importante para garantir a preservação de algumas porções da Mata Atlântica. (Primack & Rodrigues, 2001).

Mas, apesar de terem seus limites protegidos por lei, muitas Unidades de Conservação acabam sendo invadidas e sofrem com a caça ilegal, extração de palmito e desmatamento. Um exemplo de uma UC ameaçada por estas atividades, é a Estação Ecológica Juréia-Itatins, a qual é uma das maiores Unidades de Conservação do sudeste do Brasil (80.000 ha) e tornou-se símbolo para a preservação da Mata Atlântica (Marques & Duleba, 2004). Esta área possui usos incompatíveis com os objetivos de uma Estação Ecológica, tais como ocupação ilegal de terras, cultivo de banana e abertura para visitação pública. Devido a isso, dividiu-se a Estação

Ecológica em um Mosaico de Unidades de Conservação, constituído por Parques, Reservas de Desenvolvimento Sustentável, Refúgios de Vida Silvestre e áreas que se mantiveram como Estação Ecológica. No entanto, mesmo constituindo este Mosaico, problemas como desmatamentos não são solucionados, sendo que a maioria deles ocorre na região noroeste da UC e tem como finalidade a plantação de banana. Grandes áreas já foram desmatadas e o processo ainda ocorre; suprimindo a vegetação natural de Mata Atlântica . O processo de desmatamento consiste no plantio da banana no sub-bosque da floresta natural, sendo que após sua derrubada a terra passa a ser considerada produtiva. Neste caso, a legislação dificulta a retirada dos invasores, os quais alegam posse da terra, produção de subsistência e ausência de condição financeira para pagamento das multas aplicadas, gerando uma condição de impunidade.

Uma alternativa para interromper este processo depende do zoneamento da UC para identificar as principais variáveis físicas e antrópicas que podem influenciar a ocorrência de novos desmatamentos, com objetivo de aumentar a fiscalização das áreas mais susceptíveis.

OBJETIVOS

O presente trabalho visa analisar e quantificar as áreas desmatadas na porção noroeste da Estação Ecológica Juréia-Itatins, e relacionar fatores antrópicos e do ambiente físico com a localização dos desmatamentos.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram utilizadas fotografias aéreas do ano de 2001 (em formato digital) cedidas pelo Instituto Florestal (IF-SP). Estas foram interpretadas com o auxílio do software ArcView 3.2 GIS. A escala utilizada para analisá-las foi de 1:10000. Nessa fotointerpretação, buscou-se delimitar polígonos em que a vegetação nativa foi removida. As áreas demarcadas foram checadas em campo para identificação do tipo de ocupação

Para cada polígono identificado e verificado em campo, calculou-se a área e perímetro. Estas áreas desmatadas foram grupadas em 4 diferentes classes de tamanho (quais?). Sendo assim, utilizando análise zonal no SIG ArcView, relacionou-se a localização de cada classe de área desmatada, com os fatores físicos: altitude, declividade do terreno, e fatores antrópicos: proximidade de estradas e centros urbanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram mapeados 75 polígonos referentes a desmatamentos identificados, o que correspondeu no total de 6.675,07 ha de área desmatada, cerca de %% da área analisada..

A análise da relação entre as áreas desmatadas e os fatores físicos demonstrou as maiores áreas desmatadas estão localizadas em regiões planas de menor altitude e. Por que? Têm-se então, grandes áreas baixas e planas desmatadas que são utilizadas para plantação de banana.

E as áreas menores que estão localizadas em maiores altitudes e declividades, são utilizadas para que?

Já em relação aos fatores antrópicos, observou-se que todas as áreas maiores que 5 ha estão diretamente ligadas às estradas, mostrando que estas áreas já estão estabelecidas a algum tempo. Por outro lado, áreas menores que 5 ha, localizam-se nas proximidades de estradas, mostrando que possivelmente são áreas recentes. Isso nos comprova que as estradas influenciam na ocorrência de desmatamentos, exatamente porque dão acesso a estas áreas. .

CONCLUSÃO

Após a exposição dos dados analisados, pode-se concluir que o desmatamento dessas áreas está diretamente ligado à presença antrópica, principalmente ao acesso facilitado do homem a estes locais através das estradas. A proximidade dos centros urbanos é outro fator que influencia este desmatamento, visto que após sua ocorrência, é feita uma ocupação ilegal da área.

A disposição do terreno também contribui para o desmatamento dessas áreas. Visto que áreas mais planas e baixas são melhores para o plantio de banana.

Para deter esse desmatamento, deve-se ter uma maior fiscalização nesta área, bloqueando o acesso às estradas que levam ao interior da Estação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Mamede, M.C.H.; et al. 2004 Mata Atlântica, p. 115-132. In: Marques, O.A.V.; Duleba, W. (Ed), Estação Ecológica Juréia-Itatins. Ambiente Físico, Flora e Fauna. Ribeirão Preto: Holos, p 115-132.
- Marques, O.A.V.; Duleba, W. 2004 Estação Ecológica Juréia-Itatins. Ambiente Físico, Flora e Fauna. Ribeirão Preto: Holos,. 384p.
- Primack, R.B.; Rodrigues, E. 2001 Biologia da Conservação. Londrina: edição. 398p.
- São Paulo 1996 Secretaria de Estado de Meio Ambiente -SMA. Atlas de Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo. Parte I - Litoral. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Energia, CESP. 30p., 7 mapas.